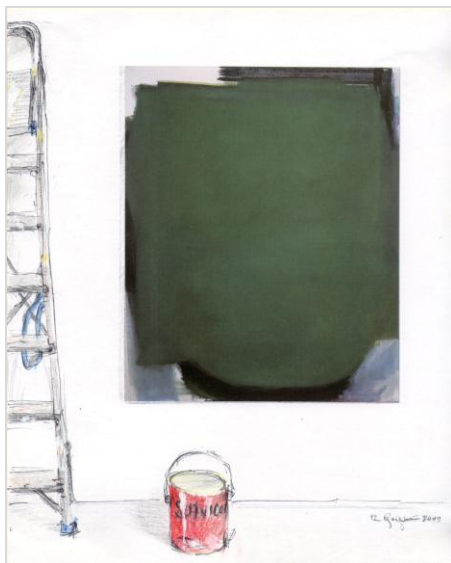


NARRATIVAS VISUAIS

Ricardo Bezerra de Albuquerque



O Quadro Verde, 1998-2011. (tríptico)

Desenho sobre impressão offset, 25 x 20.5 cm cada.

A imagem 1 do tríptico *O quadro verde* é a reprodução de uma pintura sem título, óleo sobre tela, 1996, 100 x 120cm. As duas imagens seguintes são

reproduções da mesma obra, retiradas do catálogo da exposição Pinturas, galeria Rosa M. Barbosa, 1998. Sobre elas executei desenhos de observação de latas de tinta e escada.

O ponto de vista é frontal, estático; a referência é o quadro verde e sua inércia. As imagens colaboram entre si: o quadro verde apresenta perto de si coisas que nos transmitem sua dimensão, seu tamanho; as coisas presentes na reprodução da tela verde imitam em escala suas proporções no mundo e assim, com a intervenção do desenho, cria-se uma ilusão de espaço físico; a reprodução da pintura faz parte agora de outras situações representacionais. A escala e a proporção são importantes para legitimar que esse espaço físico representa o real; ela colabora na construção de uma sequência ou percepção de ações que ocorreram no espaço e no tempo imitados do mundo.

Desenhamos coisas pois é prazeroso fazê-lo. Ao juntar elementos, criamos outros significados; são os frutos da mimese, a semente germinativa que nos faz “reconhecer semelhanças e produzi-las na linguagem”: a mimese desdobrada produz sentidos, conhecimentos e metáforas. È assim que do tríptico *O Quadro Verde* imagino eventos no tempo, a ausência de quem traz e leva as coisas, o instante que antecede ações, imagens sem história que mesmo emudecidas parecem narrar.

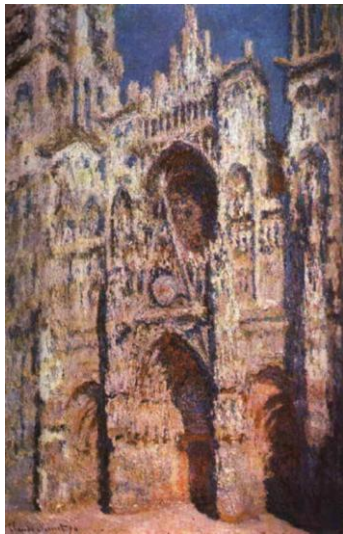
As partes e o todo

Toda a pintura é um fragmento se o significado for como em música: “parte de uma obra que pode ser executada independentemente do resto”¹

Se vejo metade de uma escada, só sei que é metade se conhecer uma escada inteira. Isso Gombrich definiu como *mental set*. São nossos esquemas visuais que devem estar estruturados para compreender a imagem como uma representação; aquela imagem está no lugar do objeto e esse objeto que conheço está parcialmente visível.

¹ HOLANDA, A.B. Novo dicionário da Língua Portuguesa. R.J: Nova Fronteira, 1986. P 807

Argan, de outro modo, descreve também, na série *catedrais* de Monet, a nossa capacidade de imaginar através da imagem incompleta: “Não é mais necessário para Monet pintar a catedral inteira e sim fazer com que o observador a complete imaginando a continuidade da imagem em sua mente: aqui a ‘coisa’ só é vista em parte, e mal; mas se a coisa é sempre uma coisa definida, a imagem tende a se ampliar, a ocupar e até ultrapassar todo o espaço de nossa consciência. Sente-se que a fachada se prolonga além dos limites do quadro, sai de nosso campo visual; portanto o campo visual não coincide mais com o campo da consciência.”²



Claude Monet. *Catedral de Rouen: iluminada pelo sol* 1894; Louvre, Paris

De certa forma, podemos considerar narrativo como a leitura da obra em si; ela mesma descreve seus procedimentos plasticamente, a incompletude do desenho, os ruídos de apagamentos, as ranhuras deixadas propositalmente para que o espectador possa percorrer por meio dos sinais de “um fazer no espaço”³ uma narrativa autorreferente.

Pode a narrativa estar contida no enredo da obra, nessas configurações imitativas do mundo, descrevendo como que uma história quadro a quadro, a passagem do tempo. Não que haja na narrativa uma história literária, mas é percebida uma temporalidade ou mesmo uma reunião de assuntos sobre os quais podemos debruçar e neles investigar os sentidos.

– ² ARGAN, G. C. *Arte Moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p.99

³ TASSINARI, A. *O espaço Moderno*. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.p.58



Luc Tuymans (1958 -)

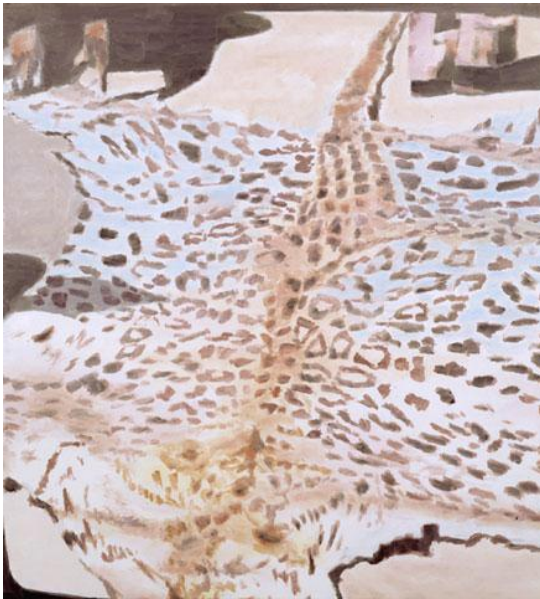
Statue, 2000
óleo sobre tela, 154.9 X 63.7 cm

Por exemplo: no caso das pinturas de Luc Tuymans (1958-), para o entendimento pleno de cada obra, é necessário que as vejamos em conjunto, pois são as combinações entre as obras que vão reforçar o discurso político contido nos objetos e cenas representados. No caso específico da exposição na David Zwirner Gallery, em Nova Iorque, 2000, é a questão colonial belga no Congo. Existe uma dimensão narrativa na construção em que as imagens do presente assumem um caráter fantasmagórico do passado. A obra *Statue, 2000*, que é a representação de uma pequena estátua de madeira num restaurante, se agiganta, pelo ângulo escolhido para a perspectiva quadro e, também se agiganta na medida em que a dimensão de seu significado agrega, junto às outras obras expostas, as relações passadas de dominação da Bélgica sobre o Congo. Daí seu caráter ficcional surrealista e difuso, pois estão na trivialidade do dia a dia, como num tapete de leopardo, os sinais que não são ilustrativos, mas evocativos de uma história recente e cruel.



Luc Tuymans
Mwana Kitoko, 2000. O.S.T

207,7 x 90 cm



Luc Tuymans
Leopard, 2000. O.S.T
142 x 129cm

O que é da arte é a sua capacidade infinita de produzir significados, se não fosse assim, a obra de Tuymans poderia cair em mais uma armadilha: transformar a arte numa informação jornalística. O artista/narrador projeta-se na obra “para interpretar a coisa como ele a entende – e com isso o que é narrado alcança a

amplitude de oscilação que falta á informação”. A narrativa segundo Walter Benjamin é artesanal, é dela a forma mais antiga de comunicação; não é relatório ou pura informação que se reduz ao instante e se esvai, a ela adere “a marca de quem narra , como a tigela de barro as mãos do oleiro”⁴.



Ricardo Bezerra - *Laranjão*, 2003

Óleo sobre tela - 185 x 145 cm



S.P. - 2011

⁴ BENJAMIN, W., et al. *Textos Escolhidos* – São Paulo: Abril Cultural, 1980 p.63